



SEÇÃO TEMÁTICA

“É fácil ser plural”? Uma análise dos últimos encontros da Nova Consciência de Campina Grande-PB  
*Is it Easy Being Plural"?*  
*An Analysis of the Last Meetings of New Consciousness in Campina Grande-PB*

*Dilaine Soares Sampaio\**  
*Genaro Camboim L. A. Lula\*\**

**Resumo:** O Encontro da Nova Consciência (ENC) ocorre há 25 anos em Campina Grande, a segunda maior cidade do Estado da Paraíba, e já foi objeto de alguns trabalhos acadêmicos. Desde 2004, passou a ser abrigado pela Organização Nova Consciência, uma instituição sem fins lucrativos. Atualmente, enfrenta dificuldades em virtude das disputas religiosas em sua cidade sede que podem ser notadas, de modo privilegiado, no período do carnaval. Diante do exposto, tomamos como ponto de partida a questão presente no título: É fácil ser plural? Ou melhor, é fácil ser plural mesmo na (pós) modernidade? De que maneira os novos modos de lidar com a espiritualidade afetam as tradições religiosas hegemônicas? Será que os movimentos e iniciativas que dialogam com o universo Nova Era têm o mesmo espaço do mesmo modo que tiveram nos anos 80, 90? Partindo de uma perspectiva antropológica, no âmbito das Ciências das Religiões, buscaremos discutir essas questões, a partir de nossa etnografia nos Encontros da Nova Consciência.

**Palavras-chave:** Encontro da Nova Consciência; Nova Era; pluralidade; antipluralidade; dimensão política.

**Abstract:** The Meeting of the New Consciousness (ENC), in Campina Grande, the second largest city in the state of Paraíba, occurs for 25 years now and has been the subject of some academic work. Since 2004, it began to be sheltered by the New Consciousness

---

\* Doutora em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora Adjunta do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [dicaufpb@gmail.com](mailto:dicaufpb@gmail.com)

\*\* Doutorando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professor adjunto I do Departamento de Ciência da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: [camboimlula@gmail.com](mailto:camboimlula@gmail.com)

Organization, a non-profit organization. Currently one can observe difficulties due to religious disputes in its headquarters, especially during the time of Carnival. In the face of these occurrences, we take as a starting point the question present in the title: It's easy to be plural? Or rather, it is easy to be plural even in the (post) modern times? How the new ways of dealing with spirituality affect the hegemonic religious traditions? Do the movements and initiatives that dialogue with the New Age occupy the same space in the same way they did in the 1980s and 1990s? From an anthropological perspective, within the scientific Study of Religions, we approach these issues in reference to our ethnography during the New Consciousness Meetings.

**Keywords:** Meeting of the New Consciousness; New Age; plurality; anti-plurality; political dimension.

### As perguntas, os sujeitos, os espaços, o itinerário da pesquisa

É fácil ser plural? Uma de nossas questões impulsionadoras terminou gerando o título de nosso texto,<sup>1</sup> que se inspira em um provocativo capítulo de Antônio Flávio Pierucci<sup>2</sup>. Com o advento da (pós) modernidade<sup>3</sup>, com a tão debatida, presumida

---

<sup>1</sup> Nossa parceria surgiu a partir de inquietações comuns, todavia, a trajetória de cada um de nós junto ao evento é diferenciada, na medida em que o tempo de participação, seja como ouvinte seja como palestrante, não é o mesmo. Genaro Camboim possui mais tempo de observação e participação, ao passo que Dilaine Sampaio acompanhou as três últimas versões do evento. A primeira como participante e as duas últimas como participante e palestrante. Ambos já produziram reflexões anteriores, feitas individualmente, contudo, consideramos a possibilidade de complexificarmos os nossos olhares sobre o evento somando nossas diferentes, mas muito próximas, formações e perspectivas.

<sup>2</sup> PIERUCCI, Antonio Flávio. É fácil ser católico. Ainda que a problemática do referido autor não se assemelhe à nossa, não poderíamos deixar de registrar essa inspiração, pois se Pierucci afirmou neste capítulo a facilidade em ser católico, aqui nós questionamos a facilidade da pluralidade.

<sup>3</sup> As discussões sobre a modernidade se avolumaram de tal forma, que mesmo se quiséssemos enumerá-las, somente no âmbito das Ciências Sociais, já não seria possível. Há os autores que irão trabalhar com o conceito de modernidade, mas das mais distintas formas (como por exemplo: BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*; GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*; HERVIEU-LÉGER, D. *Secularización y modernidade religiosa*, dentre outros). Outros autores irão preferir a noção de pós-modernidade ou irão trabalhar com as duas noções, modernidade e pós-modernidade, problematizando-as. (Cf. BAUMAN, Z. *O mal-estar na pós-modernidade*; CHAMPION, F. *Les sociologues de la post-modernité*; MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna*). E também há autores como Bruno Latour, que no começo dos anos 90, problematiza ainda mais a questão quando publica a primeira edição de *Nous n'avons jamais été modernes*, em que desconstrói a noção de modernidade ao afirmar que “jamais fomos modernos”. Seguimos aqui a proposição latouriana, especialmente em virtude de sua última grande obra *Enquête sur les modes d'existence: une anthropologie des Modernes* (2012), que nos forneceu pistas para pensarmos nosso objeto de estudo neste artigo.

secularização; com o inexorável pluralismo religioso em oposição ao histórico monopólio de uma única religião no Ocidente e ainda com o *boom* da Nova Era a partir dos anos 80, 90, muita tinta se gastou na literatura especializada para mostrar a “desregulação do religioso”, as “fronteiras borradas” do campo religioso, as movências, os sincretismos, os hibridismos e a pluralidade de um campo religioso cada vez mais multifacetado. Talvez se pudesse acreditar numa certa facilidade em ser “plural” num mundo (pós) moderno, embora os fundamentalismos e as ortodoxias não tenham evidentemente saído de cena. Sempre estiveram ali, como a outra face da (pós) modernidade, ou como o resquício de um mundo velho que não se deseja mais. O que estamos querendo indicar é que houve um conjunto de fatores, que detalharemos mais à frente, que, de certa forma, nos conduziram a pensar numa certa “facilidade da pluralidade”, mas as experiências vividas nos últimos Encontros da Nova Consciência (ENC)<sup>4</sup> têm revelado justamente a dificuldade em ser plural, mesmo no século XXI. Entre os corredores do 25º ENC, logo que comentamos com Luis Pelegrini<sup>5</sup>, um dos nomes mais ativos e pioneiros do Encontro, nossa questão de partida: “É fácil ser plural?”, a pronta resposta veio solapante: “Nunca foi!”. Ora, será que se criou uma “ilusão” da facilidade em ser plural no âmbito da (pós) modernidade? E esta seria mais uma das falências do projeto da modernidade, como nos indica Bruno Latour?<sup>6</sup> Mas se nunca foi fácil ser plural, partindo de nosso campo de pesquisa, é preciso dizer que em algum momento foi menos difícil, ou o ENC nunca haveria obtido tanto sucesso. Como explicar as dificuldades encontradas atualmente para a manutenção de um encontro tão plural e multifacetado? O que houve com aquele “carnaval da alma”<sup>7</sup> de Campina Grande, que já recebeu Leonardo Boff, Pierre Weil e tantas outras personalidades do universo religioso, acadêmico, cultural ou político?

Leila Amaral, em um dos trabalhos mais importantes feitos sobre o ENC até hoje<sup>8</sup>, pôde presenciar um outro momento do Encontro, pois sua pesquisa de campo foi realizada no carnaval de 1997, no VI Encontro para a Nova Consciência<sup>9</sup>. Em seu

<sup>4</sup> Daqui para frente, iremos nos referir ao Encontro da Nova Consciência por meio de sua sigla: ENC.

<sup>5</sup> Tanto o de Luis Pelegrini quanto os demais nomes de nossos interlocutores são reais e foram autorizados para uso. Na verdade, os sujeitos que interagiram conosco nesta pesquisa fizeram questão de que seus nomes verdadeiros fossem utilizados.

<sup>6</sup> Cf. B. LATOUR, *Jamais fomos modernos*.

<sup>7</sup> Cf. L. AMARAL. *Carnaval da Alma*.

<sup>8</sup> Cf. *ibid.*

<sup>9</sup> No que tange à terminologia do encontro, vale uma observação importante já apontada por autores anteriores que pesquisaram sobre o evento (SCHWADE, E. *Carnaval da Nova Consciência*, p. 85, e LAIN, V. *Nova Consciência: a autonomia religiosa pós-moderna*, p. 20). Até 2005, o nome era Encontro *para* a Nova Consciência. De 2006 em diante, ou seja, a partir do 15º Encontro, passa a ser denominado Encontro *da* Nova Consciência, o que parece ser bastante significativo, nos possibilitando entender que uma parte do processo já foi alcançada.

contexto, o evento possuía o Teatro Municipal Severino Cabral<sup>10</sup> como sede central, contava com o conhecido pastor presbiteriano Nehemias Marien<sup>11</sup>, já falecido, e o MIEP (Movimento de Integração Espírita na Paraíba), fazia parte dos denominados “encontros paralelos”<sup>12</sup> do ENC, assim como o Encontro da Comunidade Católica. Naquele ano pôde ver ainda a presença do bispo de Campina Grande, na época Dom Luís Gonzaga Fernandes<sup>13</sup>, Leonardo Boff e Pierre Weil. Nos últimos anos do Encontro acompanhamos, já nas suas 23<sup>a</sup>, 24<sup>a</sup> e 25<sup>a</sup> versões, uma realidade um tanto distinta daquela de fins da década de 90. Nossas investigações levam a afirmar que grande parte das mudanças está relacionada a questões religiosas e políticas de Campina Grande, que evidentemente se inter-relacionam, pois revelaram tanto um crescimento do evento evangélico quanto um estreitamento das relações entre o Encontro para a Consciência Cristã e os interesses do setor econômico e político locais. Esse estreitamento e fortalecimento dessas relações provocaram, nos últimos anos, um estrangulamento, uma asfixia da produção do ENC, bem como produziram efeitos no modo como a pauta do ENC é organizada e na forma como os realizadores do evento agenciam suas

---

<sup>10</sup> Um espaço bastante conhecido e prestigiado na cidade. Atualmente ocorrem nele os “encontros paralelos” do Encontro da Consciência Cristã.

<sup>11</sup> Pastor Nehemias Marien tornou-se bastante conhecido pelas suas perspectivas de ecumenismo universal. Causava controvérsias no meio “evangélico” pelo seu modo de pensar. Em uma entrevista fornecida à Revista Visão Espírita, diante da pergunta: “Como o senhor vê as religiões e os religiosos diante de uma Humanidade cada vez mais esquecida de Deus?”, forneceu a seguinte resposta: “Com todo respeito às tradições religiosas e especialmente às ditas cristãs, vejo como uma caverna cheia de estalagmites e estalactites. Essas posições dogmáticas, esses sistemas teológicos, catecismos e credos com posições irremovíveis têm a beleza do caleidoscópio, mas, se você verificar, são despedaçados, quebrados... As igrejas, em termos gerais, ortodoxa, católica, protestante nas mais diversas denominações, deveriam parar um pouco, bater no peito, fazer uma ‘mea culpa’ calçar as ‘sandálias da humildade’ como aquele que mais amou e serviu a humanidade: Jesus Cristo”. Essa resposta ilustra um pouco o pensamento do pastor presbiteriano e elucida o porquê era tão ativo nos ENC até a sua morte.

<sup>12</sup> O ENC funciona do seguinte modo. Há uma programação central, que pode ser entendida como a programação principal do Encontro. Constitui-se de várias mesas redondas e conferências que podem ser assistidas nos três turnos do dia. Além dessa programação, temos os atendimentos realizados por diversos profissionais vinculados ao universo das variadas terapias, bem como temos o atendimento no universo “oracular” que envolve o tarot, os baralhos cigano, xamânico, etc. Há ainda as oficinas e vivências e os chamados “encontros paralelos”, que possuem programações paralelas à central, no período da manhã e da tarde. Podem ocupar tanto os dias todos do evento quanto períodos parciais.

<sup>13</sup> Foi bispo de Campina Grande-PB e faleceu em 2006, sendo homenageado no ano seguinte. Segundo Boff, Dom Luiz foi o “parteiro das Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) em extensão nacional” (BOFF, L. *Dom Luís Gonzaga*). Também era um defensor de um ecumenismo muito elástico, como se pode ver por exemplo em um dos vídeos disponíveis no Youtube que registram sua participação na primeira edição do Encontro, em 1992 (I ENCONTRO DA NOVA CONSCIÊNCIA! PARTE 2, 2013).

experiências.

Não havia, em 1997, o Encontro para Consciência Cristã (ECC)<sup>14</sup>. O *Crescer*, idealizado pela Comunidade Pio X – uma Comunidade Católica de Aliança próxima à Renovação Carismática – ainda nascia naquele ano<sup>15</sup>. Também não existia o *Amigos da Torah*, realizado pelos judeus desde 2007.<sup>16</sup> Em suas diferentes expressões, a presença da Igreja Católica era maior, desde o Catolicismo oficial, hierárquico, na presença do bispo, até a presença de nomes de grande representatividade, como Leonardo Boff, já mencionado. O Encontro da Comunidade Católica aparecia como evento paralelo, integrado a programação maior do ENC. Os locais também se modificaram. O ENC que já ocupou espaços como o famoso Parque do Povo<sup>17</sup> e o conhecido Teatro Severino Cabral, tem hoje como sede o SESC Centro<sup>18</sup> e esses espaços tidos como mais

---

<sup>14</sup> Podemos, por analogia a reflexão feita para a nomenclatura do ENC, que como já informamos, modificou-se após 15 anos, substituindo o termo “para” por “da” Nova Consciência, que o evento que nasce em clara oposição ao ENC permaneceu com a nomenclatura inicial “Encontro para a Consciência Cristã”, mesmo caminhando para sua 19ª versão, que se dará no próximo ano de 2017. Ou seja, pode-se pensar que o Encontro evangélico pode não ter passado pelo mesmo processo de amadurecimento, entendendo que ainda há a necessidade de se chegar a uma “consciência cristã”. Obviamente, é apenas uma reflexão a partir dos termos, pois não temos condições, no caso do ECC, em afirmar esta intenção dos organizadores. Sobre as origens do ECC e o objetivo de contrapor ao ENC, ver o trabalho de Silvana Matos, onde se pode ter contato com a fala dos precursores, colhidas pela autora (MATOS, S. *O Encontro para a Consciência Cristã: o que pensam sés adeptos sobre o Movimento Nova Era*, pp.39).

<sup>15</sup> S. MATOS, *Tolerância e Intolerância entre carismáticos e evangélicos em Campina Grande*, p.50.

<sup>16</sup> Em fevereiro de 2015, foi noticiado na imprensa local o fim do evento da Associação Amigos da Torah no período do carnaval, sendo o IX Encontro o último. O rabino Davi Bem Avranhan, em carta aberta à população e à imprensa em geral, afirmou que houve “calúnias, difamações, assédio moral, incompreensões e até mesmo agressões físicas e ameaças de morte e a escalada do Islamismo sem o devido monitoramento dos órgãos competentes tornou-se um real perigo para nós”. O tom da carta, de despedida e de denúncia aos “megas eventos” da cidade e tem um discurso acusatório também, dirigido tanto aos muçulmanos, como se pode ver na parte que recortamos acima, quanto ao que denominaram “os barões das religiões preexistentes” no carnaval de Campina Grande. Agradecem a dois políticos locais, o ex-prefeito e um vereador, que segundo o rabino, contribuiu e apoiou o evento desde o início. Toda a matéria e a carta na íntegra pode ser lida em ClipPB: <http://www.clippb.com/amigos-da-tora-anuncia-encerramento-dos-encontros-judaicos-em-campina-grande>.

<sup>17</sup> Trata-se de um grande espaço e é famoso por abrigar a grande festa de São João de Campina Grande, quando a cidade recebe turistas do Brasil e do mundo entre final do mês de maio até o fim de junho.

<sup>18</sup> O espaço do SESC Centro é muito bem estruturado. Trata-se de um prédio de 3 andares, com acessibilidade garantida para cadeirantes pelas rampas, dispõe de uma cantina, um restaurante, várias salas, um grande e confortável auditório, banheiros em todos os andares e também é muito bem localizado na cidade. Contudo é bem menor que o espaço do Parque do Povo por exemplo. Por outro lado, o espaço do SESC Centro já possui uma estrutura “pronta”, diferente do Parque do Povo, que requer grande investimento na montagem de cada espaço, através de tendas, alojamentos, etc., pois se trata de um enorme espaço aberto. Para que o encontro ocorresse no Teatro Severino Cabral, de acordo

prestigiosos estão hoje ocupados pelo Encontro para Consciência Cristã (ECC). Há muitas razões que podem ser enumeradas para explicar as mudanças pelas quais passou o ENC, afinal não é surpreendente uma iniciativa que perpassa 25 anos sofrer transformações. A questão maior não é o fato de ter mudado, mas sim como e por que mudou. Além disso, questionamos também em que medida a mudança no contexto sociopolítico e econômico é acompanhada de reorientações no *self plural* dos organizadores do ENC, em sua experiência de realizadores de um evento plural e multifacetado. Neste sentido, Anthony D’Andrea já havia apontado em relação à especificidade da construção do self Nova Era, que a *“reflexividade e individualismo são processos que apresentam forte afinidade eletiva e reforçam-se mutuamente”*<sup>19</sup>. O contexto mais recente demonstra as dificuldades encontradas pelos organizadores do ENC diante das imposições de determinados grupos cristãos hegemônicos, particularmente, em suas versões pentecostais e neopentecostais, como tentaremos mostrar nas linhas seguintes.

No que tange ao aspecto metodológico, nosso artigo recorreu, além da pesquisa bibliográfica, às fontes escritas produzidas pelo próprio encontro (folderes, panfletos) que já estão disponíveis online no site da ONG Nova Consciência, além de outros materiais disponíveis no mesmo site, como vídeos de versões anteriores, reportagens, etc. Nosso olhar etnográfico, entendendo etnografia não apenas como método, mas como um pressuposto teórico-metodológico<sup>20</sup>, nos conduziu à pesquisa de campo feita tanto *in loco* como através da internet<sup>21</sup>. Realizamos “diálogos textualizados” com nossos

---

com Iris Medeiros, coordenadora da ONG, fazia-se necessário também grandes investimentos para uma série de coisas. Primeiro, para o aluguel do terreno que havia do outro lado do teatro, onde se montava o palco para os shows, que também era locado, e se instalava a feira exotérica. Além disso havia custos com luz, som; deslocamento dos palestrantes que exigiam várias vans, do teatro para o hotel e ainda para os restaurantes; com a equipe de apoio que precisava ser bem maior, com 50, 60 pessoas. O SESC não se mostrou apenas como um problema, se perdeu e se ganhou com ele. Perdeu-se em dimensão, mas ganhou-se em menor custo. Ganhou-se também, segundo Medeiros, na perspectiva dos ataques sofridos pelos grupos evangélicos do ECC, pois segundo seu relato, nos tempos do Teatro havia “a faixa de Gaza, como ficou sendo chamado. Desde o 1º ano os evangélicos panfletavam na porta do teatro, entravam com preleção bíblica e chegaram até a tocar fogo em pneus na área da feira, hall do teatro” (MEDEIROS, Iris. Entrevista concedida aos autores em 18 e 19 de junho de 2016).

<sup>19</sup> A. D’ANDREA, *O self perfeito e a nova era*, p.12.

<sup>20</sup> M. PEIRANO, *Etnografia não é método*, pp. 377-391.

<sup>21</sup> Atualmente, vem se tornando inexorável o uso dessas ferramentas virtuais para a realização de etnografias e cabe a nós, pesquisadores, buscar mecanismos, estratégias, de adaptações e releituras do “tradicional” trabalho de campo, feito *in loco* para o trabalho de campo feito via mediação virtual. Uma distinção importante a ser feita é entre as pesquisas que estão tratando do fenômeno religioso no ciberespaço e as pesquisas que utilizam as ferramentas virtuais de comunicação como complemento das pesquisas de campo feitas *in loco*. Para este artigo, nos encontramos especialmente na segunda modalidade, entendendo que os momentos “on line” e “off line” se integram na narrativa etnográfica. Diferentes nomes já foram dados para o uso do ciberespaço nas pesquisas etnográficas como

interlocutores, através dos recursos disponíveis na rede social *Facebook*. Criamos tanto um grupo fechado para postagem e respostas de nossas questões, quanto utilizamos também o recurso de troca de mensagens *in box*. Nossos interlocutores se constituíram pelos integrantes que ingressaram após o evento ser produzido pela ONG Nova Consciência, bem como de atores que desde os primórdios fazem parte da construção do ENC. Especificamente para a elaboração deste texto, contatamos alguns nomes chave do ENC e, de acordo com a disponibilidade de cada um e ainda respeitando os limites de um artigo<sup>22</sup>, iremos trazer as contribuições de Iris Medeiros, Fábio Ronaldo da Silva, Vinícius Lima Nunes, Waldemar Falcão e Luis Pellegrini.

Iris Medeiros é a pessoa fundamental para a existência do evento, afinal foi durante sua gestão como coordenadora de Turismo da cidade de Campina Grande- PB que o ENC foi gestado, sendo ela sua criadora e coordenadora desde a primeira edição, dirigindo também a ONG Nova Consciência desde seu nascedouro. A ONG possui dois outros integrantes: Fábio Ronaldo da Silva, doutorando em História pela UFPE, mestre em História pela UFCG, mais conhecido por seu apelido: Mob. E Vinícius Lima Nunes, que é Bacharel em Arte e Mídia pela UFCG. Atualmente cursa pós-graduação em Jornalismo Digital (FURNE-UEPB), é também editor de imagens e jornalismo da TV Câmara de João Pessoa-PB.

Luis Pellegrini, Diretor de Redação da revista *Planeta*, jornalista, escritor<sup>23</sup>, faz parte do grupo de colaboradores assíduos dos Encontros da Nova Consciência, fazendo-se presente desde a primeira edição, auxiliando nos aspectos práticos da realização do

---

“netnografia” (Cf. R.KOZINETTS, *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*), “etnografia virtual” (Cf. Ch. HINE, *Etnografia virtual*), dentre muitos outros. Um bom trabalho que traz o mapeamento dos diferentes termos e seus significados é o de Fragoso, Recuero e Amaral, intitulado *Métodos de pesquisa na internet* (Cf. S. FRAGOSO; R. RECUERO; A. AMARAL, *Métodos de pesquisa para internet*. pp.167-182).

<sup>22</sup> Teríamos outras pessoas muito ativas e antigas no evento para contatar, como por exemplo o jornalista e escritor Ricardo Kelmer; Marise Dantas, ainda mais conhecida como a Xamá Yatamalo; o escritor wiccano Claudiney Prieto, o padre Marcelo Barros, dentre muitos outros que certamente nos atenderiam por já nos conhecerem dos Encontros. Contudo, além de nosso foco principal ter sido aqueles que integram a ONG, no caso, Iris Medeiros, Fabio Silva e Vinicius Nunes, percebemos que se buscássemos mais pessoas teríamos um *corpus* de entrevistas inviável para ser tratado no espaço limitado de um artigo científico. Acionamos também Elianildo Silva, um grande colaborador do evento desde sua primeira edição. Todavia, ele faz parte do Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa, em Brasília. Assim, desde os processos de crise política envolvendo o impedimento da presidenta eleita Dilma Roussef e todos os inúmeros eventos daí decorrentes, suas atividades têm se ampliado muito, impedindo desta vez que ele pudesse colaborar.

<sup>23</sup> Além de seus livros, *Os pés alados de Mercúrio* e *A Árvore do Tempo*, ambos da Axis Mundi Editora, e *Madame Blavatsky*, da Editora T. A. Queiroz, muitos de seus textos podem ser encontrados, para além das inúmeras publicações feitas na revista *Planeta*, em seu blog: <http://www.luispellegrini.com.br/>.

evento. Waldemar Falcão é astrólogo, músico, escritor e fotógrafo amador. Ao menos mais sinteticamente é como prefere ser apresentado. Acompanha o ENC desde 1997<sup>24</sup>.

Vale ressaltar que nossos “diálogos textualizados” via internet são, na verdade, uma continuidade de nossos diálogos no âmbito dos encontros, diálogos informais, sem o peso das entrevistas semiestruturadas, feitos muitos deles em torno de uma mesa, na hora das refeições, durante os eventos, ou entre uma programação e outra, nos bastidores dos três últimos encontros. As perspectivas de Bruno Latour<sup>25</sup>, especialmente no que tange à credibilidade das instituições políticas; a noção de política-vida empreendida por Giddens<sup>26</sup>, além da literatura especializada sobre Nova Era e sobre os Encontros da Nova Consciência nos possibilitaram a construção de nosso referencial teórico.

Tomando como recorte principal as três últimas edições do evento, no caso o 23º, 24º e 25º Encontros da Nova Consciência, partindo de nossa questão propulsora, temos, como objetivo, oferecer um olhar mais atualizado do evento, refletindo especialmente acerca da performatividade do universo Nova Era, a partir das mudanças ocorridas no ENC e em torno dele, pois, para melhor compreender o evento, precisamos evidentemente refletir acerca do ordenamento dos atores em torno dele, percebendo-o numa perspectiva relacional. Para construirmos e melhor fundamentar este olhar contemporâneo que intencionamos oferecer, foi inevitável um recuo no tempo, o que não fizemos de modo linear, mas sim de modo mais dinâmico, tentando acompanhar a dinamicidade do ENC.

Para todos os nossos interlocutores fizemos as seguintes questões, para atender aos nossos objetivos: 1. É fácil ser plural? Melhor explicitando: é fácil ser plural mesmo na (pós) modernidade? 2. Qual a diferença entre os Encontros que aconteciam no Teatro Severino Cabral e os encontros que acontecem no SESC? O que mudou? 3. Como vocês definem o Encontro da Nova Consciência? O que ele representa para cada um de vocês? Além dessas questões básicas, foram surgindo outras no diálogo com nossos entrevistados, interagindo com a subjetividade e a especificidade de cada um deles, seguindo as pistas dadas por Jean-Claude Kaufmann em sua perspectiva de entrevista compreensiva<sup>27</sup>.

A partir disso, dividimos nosso artigo em três momentos. Num primeiro, nos debruçaremos em torno dos desafios do “ser plural”, partindo tanto das respostas de nossos interlocutores quanto de nossas observações dos últimos eventos. Discutiremos

---

<sup>24</sup> Waldemar Falcão possui um site em que se pode ter mais informações sobre seu trabalho: <http://www.waldemarfalcao.com.br/>

<sup>25</sup> Cf. B. LATOUR, *Jamais fomos modernos* e B. LATOUR, *Enquête sur les modes d'existence*.

<sup>26</sup> A. GIDDENS, *Modernidade e Identidade*.

<sup>27</sup> Cf. J.C. KAUFMANN, *A entrevista compreensiva*.

a questão da cultura de experimentação, como uma marca forte do universo Nova Era e como tal característica pode incluir uma tônica da luta. Num segundo momento, discutiremos a ampliação das temáticas sociais e políticas no âmbito do ENC, os significados possíveis para essa guinada ou retorno a essa dimensão política do universo New Age. Ao final mostremos, a partir de uma das mais recentes obras de Bruno Latour<sup>28</sup>, que a aposta na via política tem também seus riscos implicados uma vez que a credibilidade das instituições se mostra amplamente vulnerável.

### Os desafios de um *self* plural: *Luta e Cultura da experimentação*

A 25ª edição do Encontro da Nova Consciência (ENC) de 2016 foi marcada por um clima de despedida de seu mestre de cerimônia, o cineasta carioca Pedro Camargo. Desde a chegada da irmã do cineasta para a cerimônia de colocação das cinzas de Camargo nas palmeiras imperiais na casa dos Hare Krishna, em Campina Grande-PB, até a solenidade de encerramento em que fora entregue um busto, o clima era de saudade traduzida em homenagens. Essa não foi a primeira vez que o ENC realizou celebrações a um dos seus colaboradores falecidos em ano anterior ao evento. Em edições anteriores, o pastor presbiteriano Nehemias Marien e o bispo Dom Luiz Gonzaga Fernandes, no ano de 2007, e a iyalorixá Sandra Epega<sup>29</sup>, no ano de 2014, já haviam sido contemplados.

Todavia, um detalhe chamou-nos a atenção na homenagem deste ano - ele pôde ser visto na primeira página do folder da programação oficial. Uma citação do teatrólogo alemão, Bertold Brecht, em que o escritor faz uma diferenciação hierárquica e moral entre os homens, de acordo com o tempo de militância e espírito de “luta”, palavra que aparece na citação quatro vezes: *“Há homens que lutam um dia e são bons; há outros que lutam um ano e são melhores; há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida, esses são imprescindíveis”*<sup>30</sup>. A transcrição desta citação de Brecht indica um aspecto peculiar, porém marcante, porque simboliza a tônica que vem se sobressaindo, tanto nos discursos quanto nas atividades, nos últimos anos do Encontro da Nova Consciência. Aspecto que ficou mais evidente na edição mais recente, de 2016, do que em relação aos anos anteriores relatados pela literatura

<sup>28</sup> B. LATOUR, *Enquête sur les modes d’existence: une anthropologie des Modernes*.

<sup>29</sup> Sandra Epega Olályá Sàngówánwá era Iyalorixá do Ilé Leuiwyato, Templo de Tradição de Orixá, dedicado a Orixá Xangô, em Guararema, São Paulo. Filha adotiva do falecido Bábáláwo Olarimiwa Epega, deu início ao clã Erin Epega no Brasil. Foi uma conhecida e prestigiada iyalorixá, considerada como uma das primeiras mulheres conhecedoras dos segredos de Ifá no Brasil. Possui diversos capítulos e artigos acadêmicos publicados.

<sup>30</sup> ONG NOVA CONSCIÊNCIA, *25º Encontro da Nova Consciência*.

acadêmica sobre o evento<sup>31</sup>. Estamos nos referindo à ênfase na reflexividade sobre a dimensão política e social - um dos aspectos do fenômeno da Nova Era -, realçada no discurso e prática dos organizadores do evento e, que gostaríamos de analisar a importância na tentativa de responder ao problema central deste artigo, que é sobre as dificuldades em ser plural na contemporaneidade.

A associação entre o “espírito de luta” e uma homenagem póstuma ao colaborador e seu carisma, realçada no folder da programação, nos aponta para como o discurso oficial procura enfatizar o aspecto político-militante do homenageado. Tal característica parece ser emblemática, já que valoriza a postura de um *self* plural, aberto à diversidade e, portanto, é uma evidência do *ethos* da Nova Consciência. Nesse aspecto, aliado a uma imagem positiva sobre a qualidade de abertura para o diálogo com o diferente, soma-se a ênfase sobre a imagem do engajado, do atuante na luta social, seja em âmbito local, nacional ou global. O que se percebe com esse discurso oficial dos organizadores, a partir da leitura da citação de Brecht, é o discurso de que a pluralidade não é uma condição dada e justamente por isso é necessário conquistá-la em um ambiente de luta contra forças cujo interesse é exatamente o contrário. Para além do texto contido na abertura do encarte da programação do 25º Encontro, diante da pergunta que intitula nosso texto, “É fácil ser plural?”, tivemos respostas interessantes que ilustram essa noção de uma pluralidade como uma condição não dada:

num primeiro momento sim, é fácil para mim, mas trabalhar com a pluralidade, principalmente em relação às religiões, atrai as forças contrárias e, aqui, se misturam com a política, e disso vem o efeito cascata para que o evento não aconteça. Todo ano é assim desde que criamos a ONG, que foi na época, a única maneira de preservar o evento. Tirando isso, é a melhor coisa trabalhar com a diversidade<sup>32</sup>.

A resposta de Fábio Silva, outro integrante da ONG Nova Consciência, caminha neste mesmo sentido, destacado por Iris Medeiros:

Não é fácil ser plural e, historicamente, vemos isso. Ser plural quando se procura homogeneizar as culturas, as identidades, as religiões, etc., é muito complicado, mesmo sabendo que precisamos da pluralidade para continuar sendo quem somos. O ENC desde o seu nascedouro é plural e, acredito eu, que

---

<sup>31</sup> Os principais trabalhos são: L. AMARAL, *Carnaval da Alma*; E. SCHWADE, *Carnaval da Nova Consciência*; S. S. de MATOS, *O Encontro para a Consciência Cristã*; S. S. de MATOS, *Tolerância e Intolerância entre carismáticos e evangélicos em Campina Grande*; V. LAIN, *Nova Consciência: a autonomia religiosa pós-moderna*.

<sup>32</sup> Iris MEDEIROS, entrevista concedida aos autores em 18 e 19 de junho de 2016.

por conta disso continua existindo e contribuindo para que a Cultura de paz, e não a proposta de uma religião, seja debatida na cidade ao longo desses 25 anos<sup>33</sup>.

Embora as duas falas sejam próximas, devemos destacar alguns aspectos. Na perspectiva de Medeiros, fica muito claro o desafio imposto diante de um *self* plural, quando a organizadora do Encontro afirma que, embora para ela, “*num primeiro momento*” seja fácil ser plural, todavia, essa atitude a coloca diante das “*forças contrárias*”. Ou seja, dentre a pluralidade do ENC, que envolve as dimensões culturais, artísticas, filosóficas, o pluralismo religioso inerente ao Encontro desde sua primeira edição, é o principal desencadeador de inúmeras dificuldades de ordem econômica e política. Ora, do ENC participam especialmente as religiões minoritárias e em grande parte as que são discriminadas e violentadas, seja simbolicamente ou fisicamente, em nossa sociedade. Embora muitos cristãos mantenham-se no evento, como os católicos e evangélicos progressistas, que continuam a participar das mesas de diálogo inter-religioso, a presença das diversas outras religiões juntas incomoda muitíssimo. Refiro-me à Wicca, ao Neopaganismo, em suas diversas tradições; às diferentes religiões afro-brasileiras (Umbanda, Candomblé, Jurema etc.); às religiões ayahuasqueiras, em especial o Santo Daime; as diversas religiões e práticas de origem asiática, como o Budismo, os Hare Krishna, a Mahikari e o Yoga; a Fé Bahai, os diferentes Xamanismos, dentre outras. Pela breve e resumida listagem feita, percebe-se que são, em sua maioria, religiões “demonizadas” pelos diversos segmentos evangélicos, que cada vez mais se colocam de modo marcante e definidor no cenário político nacional e, conseqüentemente, em Campina Grande. A criação da ONG, no ano de 2004, simboliza, de certo modo, o início de um processo em que paulatinamente o ENC foi perdendo cada vez mais o apoio dos poderes públicos municipais, ainda que tenha sido gestado com o apoio destes e como projeto de turismo religioso da prefeitura da cidade. Iris nos relata que, inicialmente, a ideia de um evento Nova Era não foi bem digerida pelo então prefeito, Cássio Cunha Lima:

Em 1989 eu trabalhava na prefeitura e era Coordenadora de Turismo e o prefeito me encarregou de ampliar o calendário de eventos da cidade e apoiar os eventos que já existiam como o São João, Micarande, etc. Em 1992 já não havia carnaval na cidade, que não acabou por decreto, mas por si só, já que os carnavais de Recife, Olinda e Salvador levavam o público a sair da cidade. Então o prefeito me pediu para criar um evento que ocupasse o período do carnaval. Eu sempre fui ligada em estudos sobre holística, ocultismo, escolas iniciáticas, xamanismo e etc. E pensei num evento que pudesse reunir durante 5 dias

---

<sup>33</sup> Fábio R. SILVA, entrevista concedida aos autores em 04 e 05 de maio de 2016.

peças de todas as bandas, tendências, religiões, ciências e filosofia, sem esquecer as artes. Eu sempre quis juntar tudo isso para a gente repensar o mundo, trocar experiências e dar voz às minorias. Seria o *carnaval da alma*, a cidade um retiro espiritual mas com festa e alegria. Fiz o projeto e no dia da apresentação foi um fiasco. O prefeito, Cássio C. L., esperava um projeto "para louvação de Jesus" e vetou. Não adiantava explicar que também tinha cristãos no projeto Nova Consciência. Ele queria o Parque do Povo com as "aleluias" todas. Mas eu já vinha conversando com os grupos ligados às religiões e já tinha bastante delas empolgadas com o evento. Foi uma batalha que ele, o prefeito, pagou pra ver. Tivemos sorte de lotar o teatro desde o 1º ano e ele teve que reconhecer o Encontro<sup>34</sup>. (grifos nossos).

Por sua vez, a fala anterior de Fábio nos remete a um contexto histórico, mostrando as dificuldades em ser plural nas situações em que as marcações de autoidentificação ou as iniciativas de cunho homogeneizante afloram com força total, como a outra face da (pós) modernidade. Por outro lado, se o formato plural do ENC impõe dificuldades, pelas colocações de Fábio e Iris, é justamente nisso que reside sua força, e por isso existe há 25 anos.

A resposta de Waldemar Falcão, que participa do Encontro desde suas primeiras edições, revelou-se interessante porque ilustra bem esta multiplicidade do ENC. Diante da mesma pergunta sobre a facilidade da pluralidade – *É fácil ser plural?*, respondeu num primeiro momento, de forma rápida e objetiva: *“Facilimo: atuo profissionalmente em duas áreas onde o pluralismo é a base de tudo: música e astrologia. Doze notas musicais, doze signos astrológicos. Mais plural, impossível”*. Aproveitamos sua objetividade para provocar-lhe um pouco com uma outra pergunta: considera que, atualmente, temos vivido também os fundamentalismos ao lado da pluralidade? E como vê as intolerâncias religiosas ou as resistências aos modos de ser, crer e agir? A resposta foi a seguinte:

aí entra a visão do astrólogo: estamos vivendo um ciclo da radicalização que começou na virada de 2012 para 2013, e deve seguir forte pelo menos até o final deste ano. Durante este tempo, infelizmente, os radicalismos tendem a crescer. Nesse sentido, o momento é bem crítico<sup>35</sup>.

A resposta de Waldemar não só ressalta a pluralidade do evento como traz uma visão aqui, não política, para um problema tomado pelos outros integrantes, como tendo conotação política. Sua explicação estaria mais ambientada nos diálogos entre as distintas práticas e visões de mundo que compõem o universo New Age. Todavia, isso

---

<sup>34</sup> Iris MEDEIROS, entrevista concedida aos autores em 18 e 19 de junho de 2016.

<sup>35</sup> Waldemar FALCÃO, entrevista concedida aos autores em 23 de abril de 2016.

não significa que Waldemar ignore ou não esteja atento às questões políticas, o que se manifesta em outra resposta sua dada a outra pergunta nossa: Como podemos compreender a redução dos participantes do ENC? Para ele, “*é mais uma questão financeira... a ONG vem sendo ‘espremida’ a cada ano que passa, justamente pelos intolerantes*”. Perguntamos se ele poderia elucidar melhor o que compreendia por “espremida”, ao que ele melhor explicou: “*Nada a ver com espaço físico. A questão é financeira, política e religiosa. A ‘concorrência’ não consegue conviver com o pluralismo do Encontro e tenta de todas as maneiras esvaziar o evento*”<sup>36</sup>. Pedimos ainda se ele podia dar exemplos dessas “maneiras” utilizadas para esvaziar o evento e Falcão apontou para

a pouca disposição do poder político em liberar verbas para o Encontro, as carreatas que o encontro cristão promove todos os anos em frente ao SESC, como promoviam também manifestações em frente ao Severino Cabral.

A resposta de Waldemar nos mostra bem este self plural: ele, como músico, astrólogo e escritor, nos fornece explicações de ordem astrológica, mas também de ordem “financeira, política e religiosa”. Percebe-se novamente, como vimos na resposta de Iris, a percepção clara do incômodo provocado pela pluralidade para a “concorrência”, notadamente, o “encontro cristão”, referindo-se ao ECC uma vez que o *Crescer* não faz confronto direto com o ENC, focada justamente na marcação de fronteiras, de identidades.

Pellegrini, embora entre os corredores do 25º ENC tenha respondido subitamente que nunca foi fácil ser plural, em nossa entrevista, pôde explicar melhor seu pensamento. Num primeiro momento, devolveu-nos a pergunta, questionando o que estávamos entendendo por “plural”. Disse a ele que essa era uma boa questão e que se quisesse poderia também debatê-la:

Ser plural não é fácil nem difícil. Ser plural é uma necessidade ditada pela própria sobrevivência nestes tempos de profunda crise de civilização que estamos vivendo. Em fases históricas como esta, a primeira necessidade a ser preenchida é descobrir, ou construir, ou incrementar, a própria identidade. Quem não se identifica soçobra, naufraga, desaparece arrastado pelo tsunami que representa a Torre de Babel em que se constituiu o nosso mundo atual, o mundo da confusão de línguas, da subversão das escalas de valores, da preponderância dos atributos fálicos do masculino (honra, força, poder, valentia, comando, competição, vitória, inteligência, etc.) em detrimento dos atributos do feminino (solidariedade, compaixão, capacidade de acolher, sabedoria, etc.). A descoberta da própria identidade começa com o

---

<sup>36</sup> Waldemar FALCÃO, entrevista concedida aos autores em 23 de abril de 2016.

reconhecimento da identidade do meio sociocultural onde vivemos. No caso, o Brasil. E sucede que, como poucos outros países no mundo, nossa identidade é completamente plural, sincrética e heterogênea. Este raciocínio é válido para todas as áreas, e sobretudo para a área da espiritualidade. Já que espiritualidade é, por definição, a busca de uma essência única e impessoal que se manifesta através de uma miríade de projeções e de representações. O singular que dá origem à pluralidade<sup>37</sup>.

Nessa fala, embora mantenha a ideia de que a pluralidade precisa ser defendida e conquistada, ou seja, segue a linha de desnaturalização da pluralidade como algo dado, percebemos uma direção um pouco distinta das anteriores. É o primeiro a falar em espiritualidade. Também faz uma associação interessante entre pluralidade e identidade, para fechar com a ideia de que o singular origina a pluralidade, o que nos dá a entender que, para Pellegrini, os processos de reconfiguração, incremento, construção das identidades são condições para a pluralidade, uma vez que só há pluralidade se houver o singular. Singularidade pressupõe abertura, refazimentos, descobrimentos do *self*.

A pesquisa de Leila Amaral<sup>38</sup> informa sobre um dos aspectos centrais do fenômeno Nova Era que é justamente essa cultura da experimentação, diretamente ligada a uma visão de mundo constituída de realidades múltiplas e transformáveis umas nas outras. A cultura da experimentação estaria, portanto, diretamente ligada à porosidade do mundo onde a passagem e o trânsito seriam características da construção de um *self* espiritualista, multicultural, adquirido no trajeto individual por ordens múltiplas e intercambiáveis. A trajetória de um participante dessa cultura seria vista como um *Caminho de Santiago* cujos sentidos se dariam muito mais nas experimentações e tribulações do caminho do que cristalizados no destino final. Isto é o que, segundo Leila Amaral<sup>39</sup>, permite e configura a aceitação do pluralismo segundo a ótica dos participantes da Nova Era.

O que conseguimos perceber através da observação das últimas edições do Encontro da Nova Consciência é como essa cultura de experimentação se reconfigura e replaneja, conforme as particularidades e contingências das ocorrências nos diversos contextos sociais, permitindo-nos observar uma mudança na ênfase empregada no discurso dos organizadores e nas atividades do ENC nos últimos anos em relação ao tempo estudado pelos pesquisadores anteriores<sup>40</sup>, embora nestes trabalhos já houvesse indícios dos conflitos atuais. É assim que, ao longo dos últimos anos, uma dimensão espiritualizada

---

<sup>37</sup> L.PELLEGRINI, entrevista concedida aos autores em 20 de junho de 2016.

<sup>38</sup> Cf. L. AMARAL, *O carnaval da alma*.

<sup>39</sup> Cf. *ibid.*

<sup>40</sup> Cf. *ibid.*; Cf. E. SCHWADE, *Carnaval da Nova Consciência*.

do fenômeno Nova Era foi sendo paulatinamente preterida pelos organizadores para dar vazão a uma dimensão mais política ao evento.

A luta em defesa da pluralidade é acompanhada de um processo cada vez mais recheado de tensões que exige o recurso ao aspecto político do colaborador da causa Nova Era. Esse aspecto é pouco discutido nas pesquisas sobre Nova Era e/ou neoesoterismo. O que se nota na literatura revisada é a ênfase nas análises sobre a dimensão da religiosidade nessa cultura errante, ecumênica, que representa a Nova Era. Entendemos que a prevalência em um dos aspectos dessa cultura errante é devido à configuração das relações sociais estabelecidas no campo religioso campinense. Desta forma, ao passo que a prevalência da postura de abertura para a experiência espiritual, de tolerância e diálogo com outras formas de crença esteve presente no período de auge do Encontro da Nova Consciência, nos anos 90 e virada do século, o aspecto político foi ganhando força na construção do *self* da Nova Era. Coadunamos com a ideia de que o acirramento das disputas econômicas, políticas e ideológicas entre os eventos, principalmente com o crescimento do ECC após os cinco primeiros anos da virada do século, provocaram a sobressaliência da dimensão da *luta* perfeitamente visível no discurso dos membros da ONG, devido a essas pressões externas.

Isto significa dizer que os conflitos e as tensões no campo religioso campinense e nacional exigiram ao longo dos anos uma agência com ênfase na esfera política, reagentes às morais totalizantes, intolerantes, com aspiração à hegemonia. É sobre essa dimensão pouco explorada do fenômeno Nova Era que nos deparamos em nossas pesquisas sobre as últimas edições do Encontro da Nova Consciência e que gostaríamos de chamar a atenção neste trabalho.

### **Encontros paralelos e ampliação dos temas sociais e políticos**

Afirmar que as atividades na direção do religioso e do místico do ENC diminuíram com os anos seria uma inverdade. Basta ver que a Caminhada Pela Paz – ato ecumênico coletivo que ocorre sempre aos domingos no fim da tarde, com um percurso festivo entoado por cânticos hare krishna – por exemplo, continua sendo uma das principais atividades do ENC desde o início. Entretanto, o que é perceptível é que temas e práticas que não estão diretamente ligadas ao âmbito do sagrado foram sendo progressivamente colocados na agenda do evento com uma maior ênfase nas últimas dez edições do Encontro.

Como já mostramos anteriormente em nota, em cada Encontro há uma estrutura básica que se repete, cujas variações estão relacionadas à presença de diferentes palestrantes e a ênfases temáticas, de modo que a estrutura comporta: um fórum principal, eventos paralelos, a feira esotérica e a feira de livros.

Uma simples verificação na programação da 25ª edição do evento nos permite observar que os chamados eventos paralelos (atividades onde, de acordo com a antropóloga Elisete Schwade<sup>41</sup>, está o lugar onde se afirmam as práticas e os temas das identidades institucionais), aqueles com mais de 10 edições, ou seja, com maior longevidade, estão ligados em sua maioria a tradições religiosas<sup>42</sup> e os de periodicidade mais recente possuem uma conotação de cunho mais aberto e alguns com a nítida prevalência do aspecto social e político<sup>43</sup>.

Essa periodicidade não é casual, ela coincide exatamente com o período de maior expansão do ECC como veremos mais adiante. Por ora, é suficiente dizer que é significativa a pluralização do universo temático discutido nos eventos paralelos do ENC. E, podemos dizer mais: a formação de encontros paralelos cujo tema está na agenda de movimentos sociais (LGBTT, o movimento negro, e o encontro das profissionais do sexo) dão-nos subsídios para entender os sentidos do termo *luta*, encontrados na homenagem póstuma no folder da programação de 2016. O processo de construção de uma experiência plural não se dá sem conflitos e tensões e, em razão do acirramento dos embates entre as instituições que organizam os diferentes encontros no período carnavalesco, a dimensão da *luta* estaria fazendo sentido aos membros da ONG da Nova Consciência, especialmente em um contexto no qual outras identidades coadunadas a uma preponderância de uma visão cristocêntrica, menos tolerante, estariam ganhando visibilidade e espaço ao longo dos últimos anos. Como afirma Vinicius Lima Nunes, um dos nossos interlocutores, membro da ONG Nova Consciência:

Numa sociedade civilizada, a *luta* é para constituir e manter ideais éticos a partir de argumentação. A não violência só é possível a partir do conhecimento adquirido (educação formal) e um nível mínimo de noção da existência do

---

<sup>41</sup> Cf. E. SCHWADE, *Carnaval da Nova Consciência*.

<sup>42</sup> Os eventos paralelos com maior número de ocorrência são: o 24º Encontro Nordeste do Movimento Hare Krishna, o 24º. Encontro do Santo Daime, o 18º. Encontro de Ateus e Agnósticos, o 15º. Encontro do Xamanismo, o 15º. Encontro da Iniciativa das religiões unidas – URI; o 12º. Encontro de Ufologia (a exceção do 19º. Encontro para a Consciência Ecológica não configura uma quebra dessa regra).

<sup>43</sup> Os eventos paralelos criados mais recentemente: a) ou são de ordem mais ampla como o 6º. Encontro de Literatura Contemporânea; o 6º. Encontro de Comunicação e Mídias Digitais e o 9º. Encontro da Sociedade Paraibana de Arqueologia (em que pese não haver um curso de graduação e pós-graduação em Arqueologia nas universidades campinenses e mesmo paraibana); b) ou são voltados a debater explicitamente questões sociopolíticas como o 11º. Encontro de Homoafetividade (encontro LGBTT) e o 7º. Encontro de Mística e Militância dos Movimentos Sociais, o que não impede que novos encontros de conotação religiosa e/ou espiritual também sejam criados como é o caso do II Encontro de Yoga da Paraíba.

"outro" [...]. O mundo não pode ser constituído pela guerra ou como um grande mercado para poucos. A noção de coletividade não deveria segregar. Os eventos religiosos que antagonizam a Nova Consciência ou se fecham para uma realidade global e inclusive refletem interesses de poucos (religiosos, religiões e políticos) que só observam seus interesses pessoais. As instituições religiosas e seus dirigentes tendem a posturas conservadoras apenas para se manter numa situação de poder e influência social, nem sempre com objetivos nobres ou de segregação por ignorância (inocente) da realidade. A Nova Consciência quebra paradigmas. Numa sociedade que percebe a laicidade do Estado, por exemplo, fica difícil não questionar instituições religiosas. Mostrar a pluralidade de pensamentos abre um leque de dúvidas. A Nova Consciência é um convite a duvidar do que não é ético, transparente ou estagnado, assim como a ciência<sup>44</sup>.

Nesta fala de Vinicius, podemos ver que a noção de *luta* permite uma reflexão sobre o papel da Nova Consciência como vetor globalizante contra o enclausuramento de visões religiosas institucionais aliadas a interesses religiosos, políticos e financeiros dos líderes. Em meio ao desafio da construção de uma ética plural condizente com um mundo globalizado, dão-se as tensões com grupos que possuem posições antagônicas e segmentadas. Vale notar a polissemia em torno da perspectiva globalizante, da “realidade global” que ora se torna um substantivo e se refere quase a um “*espírito de época*”<sup>45</sup>, ora tem sentido de um paradigma, ao mesmo tempo em que se está falando do evento e da própria ONG.

A *luta* por uma nova consciência levaria a bandeira de um pensamento plural, laico, questionador das instituições religiosas “conservadoras” enquanto forças contrárias cuja estratégia é denunciada por nosso interlocutor, pois se trata, para este, de alçar posições de poder na esfera local. O sentido de *luta* se traduziria numa atitude reflexiva e política em que a batalha seria contrapor-se as pretensões de hegemonia de grupos religiosos intolerantes e conservadores que tentam minar a ideia de pluralidade através de uma maior influência social e econômica sobre o poder público, seja local, seja global. Nas entrevistas realizadas com os membros da ONG Nova Consciência torna-se evidente que o sentido de *luta* passou a ter maior ênfase à medida que os dois encontros religiosos - ECC e *Crescer* – passaram a se consolidar estruturalmente, ganhando importância para os setores políticos e econômicos locais. O ENC, neste contexto, passa a ser visto pelos grandes eventos cristãos como um opositor, um incômodo e um problema para a cidade por suas características. E, na percepção de seus organizadores, visto como uma alternativa aos encontros “fechados”, que vão na contramão de uma perspectiva plural.

---

<sup>44</sup> Vinicius Lima NUNES, entrevista concedida aos autores em 16 e 17 de abril de 2016.

<sup>45</sup> Cf. O. VELHO, 2001.

Na fala de Vinicius podemos ver reforçada a ideia de uma complexificação da natureza dos conflitos entre os encontros.

Nunca o Brasil teve tanta influência de religiões nos poderes públicos. [...] Recentemente foi aprovada uma lei para ler textos bíblicos antes das sessões na ALPB - Assembleia Legislativa Paraibana. Isso já acontece na grande maioria das câmaras municipais da Paraíba. Um total desrespeito à laicidade do Estado. Antes, os religiosos apenas bradavam enfurecidos com a existência do ENC. *Hoje eles fazem lobby* para cortar o apoio financeiro ao evento em todas as esferas. Representamos movimentos sociais que não têm representatividade entre os políticos conservadores. Bem, os comerciantes paraibanos que mais têm recursos para patrocinarem eventos na PB são evangélicos. Nós convidamos formalmente prefeitos, governadores e vereadores para a abertura da Nova Consciência desde sempre. Eles nunca vêm ao evento e mandam representantes que entram mudos e saem calados. Nos eventos puramente religiosos eles se fazem presentes e discursam abertamente. Quando a bancada evangélica aumentou no Congresso Nacional e entre os vereadores das cidades paraibanas. Como eles trabalham em equipe apenas pra conseguir facilidades para igrejas (isenção fiscal e afins), fazem de tudo para boicotar os movimentos sociais que lutam pelo Estado laico<sup>46</sup>.

Vinicius faz aqui uma distinção entre o período inicial de convivência entre os encontros religiosos e o ENC - isto é, nos cinco, seis primeiros anos do século XXI – e as relações hoje. O ponto de reflexão do interlocutor recobre exatamente o período que se considera de maior expansão do Encontro da Consciência Cristã – e também do *Crescer* (encontro religioso dos católicos). Se, inicialmente, a ênfase do VINNAC - Visão Nacional para a Consciência Cristã -, se deu na promoção de palestras e práticas cuja motivação e conteúdo englobavam a heresia do fenômeno da Nova Era, nos últimos anos novas estratégias foram incorporadas além da apologética, segundo os membros da ONG Nova Consciência. Fazer lobby sobre a comunidade política (quando não, elegendo do seio das próprias igrejas, vereadores, deputados), participar da nomeação de quadros em instituições públicas e, por fim, pressionar o setor econômico da cidade e do Estado da Paraíba para cercear os recursos para o ENC são algumas das estratégias apontadas por Vinicius, assim como pelos demais membros da ONG, a fim de minar os caminhos de financiamento para a realização do ENC.

Foi relatada uma série de episódios que exemplificam essas ações: a) desde a nomeação de servidores públicos, evangélicos e abraçados a causa da instituição

---

<sup>46</sup> Vinicius Lima NUNES, entrevista concedida aos autores em 16 e 17 de abril de 2016.

VINACC em “boicotar” o evento da Nova Consciência, para cargos de confiança na prefeitura ou em instituições como o SESC - que passou a abrigar o ENC a partir de 2009; b) a práticas de políticos ligados a essa rede como, por exemplo, a promulgação do Dia municipal da Consciência Cristã e a inauguração do “Monumento da Bíblia” no Açude Velho - importante ponto turístico da cidade segundo. A classe política estaria, segundo os membros da ONG, mais preocupada com os eventos de maior número, pois são maiores em público e possuem um perfil que, conseqüentemente, lhes conferem um maior número de votos<sup>47</sup>.

Se uma década atrás, grupos políticos rivais<sup>48</sup> disputavam a ordem do discurso no cerimonial de abertura nos eventos principais, hoje, os membros da ONG dizem haver uma dificuldade na aceitação do convite para abertura do ENC - o que, segundo eles, não acontece com o ECC. Os conflitos e tensões com o ECC e as disputas no campo político também reverberam no plano econômico, com reflexos diretos sobre os mecanismos de captação de recursos financeiros do ENC, conforme já comentado.

A partir do exposto, há elementos suficientes para notarmos dois sentidos no uso da categoria “política”. De um lado, ela evidencia um sentido mais estreito em que fica demonstrada a complexidade das relações políticas e econômicas entre o Estado e os encontros religiosos na cidade. Apenas o MIEP faz de si uma propaganda de que não depende de apoio da prefeitura ou da PBTUR para realizar seu evento. O ENC era um projeto da prefeitura e que sofrera por turbulências de acordo com as mudanças de governo, o que provocou a ruptura e a criação da ONG. Todos esses elementos apontam para a dimensão das relações entre o evento e a cena da política partidária local. A peculiaridade é que, à proporção dos últimos acontecimentos na política nacional, tiveram desdobramentos imediatos na configuração do jogo municipal e, conseqüentemente, na relação do governo municipal, estadual e os eventos durante o carnaval.

O outro sentido da categoria política está mais próximo daquilo que A. Giddens chamou de política-vida<sup>49</sup>. Na concepção do sociólogo inglês, a política-vida está ligada aos “estilos de vida” (não de oportunidades de vida, ligada à política emancipatória) e se desenvolve a partir de “processos de auto-realização”, em que mobilizam estratégias de atuação social. A auto-realização ocorre a partir de uma reflexividade mobilizada seja

---

<sup>47</sup> A pesquisa sobre a relação entre os encontros religiosos e o eleitorado campinense ainda precisa ser feita, mas não é difícil imaginar de onde vem o raciocínio dos membros da ONG tendo em vista que fazem associação entre os candidatos (com perfil liberal e conservador) que venceram as últimas eleições no executivo e legislativo na cidade tiveram a empatia e a aceitação dos organizadores do ECC.

<sup>48</sup> Silvana Matos (Matos, 2005) narra o episódio da disputa pela ordem de fala nos cerimoniais de abertura dos dois eventos ENC e ECC entre dois candidatos rivais da cidade, Cássio Cunha Lima, do PSDB, e Veneziano Vital do Rego, do PMDB.

<sup>49</sup> Cf. A. GIDDENS, *Modernidade e Identidade*, 2002.

em nível individual, seja coletivo. Vejamos como faz sentido a valorização do aspecto de “luta” por parte do homenageado. Enaltecer o prestígio do mestre de cerimônia de acordo com a dimensão de um estilo de vida em que a política é um atributo fundamental, sendo que a política aqui não é realçada pela sua conotação de aspecto de poder opressor, hierarquizante, mas o seu exercício transformador, criativo. Não a política que gera luta por oportunidades sociais, mas por liberdades de escolha e de autoidentificação. “*A política-vida é uma política das decisões de vida*”<sup>50</sup>:

A minha experiência ao longo desses anos assistindo e contribuindo para o acontecimento do mesmo (o ENC) me ajudou a ver muitas coisas de outra forma. A ser duro como uma pedra ou flexível feito um bambu quando os momentos forem necessários. Lembro que, na metade para o final da década de 1990, eu saía de casa pela manhã ou início da tarde, caminhava em torno de 20 a 30 minutos (ônibus demorava bastante no período de feriado) para chegar a tempo para assistir as palestras ou participar de alguns eventos paralelos e o que via e ouvia fez em mim pequenas mas importantes micro-revoluções e contribuíram, assim como os ensinamentos dos meus pais, a literatura e outras práticas culturais, a me tornar quem sou hoje. Estar contribuindo na produção do evento também me fez crescer em várias áreas. Não vou dizer que é algo simples e fácil de se pensar e se fazer. Quem pensa isso não sabe nem um terço de como é difícil juntar diferentes pessoas com prática, ritmo e pensamento distintos. Mas ao final de tudo, sempre paro e penso: conseguimos! Não só por ter conseguido realizar o evento mas por ter proporcionado mais um evento possibilitando que outras pessoas também tenham as micro-revoluções dentro de si e que, dessa forma, repensem o papel na sociedade e no mundo e o quanto são importantes para a melhoria do mesmo<sup>51</sup>.

A experiência reflexiva de participação e organização do ENC é uma política-vida, um aspecto de um *self* plural, que se torna perceptível quando prestamos a atenção também na formação, nas mudanças, nos movimentos e nas preocupações que compõem a subjetividade dos organizadores e colaboradores do ENC. “*A política –vida se refere a debates e contestações derivadas do próprio projeto reflexivo do eu*”<sup>52</sup>. Ao longo de uma experiência de mais de 20 anos divididos entre participação e organização no ENC, Mob cita algumas habilidades, que lhe são úteis tanto quanto aquelas incorporadas em formação familiar. Ser “*duro como pedra*” ou “*flexível como bambu*” são

---

<sup>50</sup> A. GIDDENS, *Modernidade e Identidade*, p. 197.

<sup>51</sup> Fabio Ronaldo da SILVA, entrevista concedida aos autores em 04 e 05 de maio de 2016.

<sup>52</sup> A. GIDDENS, *Modernidade e Identidade*, p. 198.

disposições<sup>53</sup> desenvolvidas das “micro-revoluções” em seu interior suscitadas na experiência de participação e organização das palestras, das vivências, dos atendimentos, do lúdico, das práticas e no lidar periodicamente com o poder público ao longo das inúmeras edições do ENC. Colaborar ativamente na produção do evento se tornou uma oportunidade de levar adiante a possibilidade de construção de uma ação reflexiva no mundo, de um estilo de vida em que a dimensão política esteja em consonância com outras esferas da cultura como a dimensão espiritual.

As transformações ocorridas nas últimas edições do ENC podem ser interpretadas a partir da orientação para uma ênfase na dimensão política do movimento Nova Era. Isto é notório ao analisarmos a valorização das discussões e ações políticas empregadas pelos organizadores do ENC. O tema da última edição, “civilização ou barbárie: suas ações vão definir o futuro do planeta”, ilustra a pauta que se quer enfatizar, chamando para ação, mantendo a questão da preocupação ambiental, tônica muito presente desde o primeiro encontro, mas transcendendo-a, invocando a dimensão política. Em parte, isto é compreensível dado aos conflitos sociais, em virtude de atitudes do ECC e as tensões com o poder público. Por outro lado, o aspecto político se materializa em símbolos que personificam o ethos de “luta” por um *self* plural, aberto, como vimos na fala anterior de Vinícius em que a paz aparece não como a “passividade total”, mas através da luta pela argumentação, pelo conhecimento formal e pelo “nível mínimo de noção da existência do ‘outro’”. Na sua prática, o integrante da ONG Nova Consciência busca fazer isso cotidianamente utilizando para isso o *Facebook*, através do grupo público por ele criado intitulado “Estado laico e Eleições no Brasil”, que atualmente conta com 1612 membros. Nesse grupo, Vinícius Nunes posta, incansavelmente, normalmente pela manhã bem cedo e à noite ou pela madrugada, inúmeras reportagens atentando para situação política do país, bem como para as questões sociais, religiosas, envolvendo, em especial, a questão da intolerância religiosa, da homofobia, dentre outras questões. A criação desse grupo pode ser lida como parte de sua luta, sem guerra, mas com argumentação, buscando também chamar atenção para a questão da alteridade.

### **Mais uma aposta, mais uma experimentação: a relevância do político**

Bruno Latour, ao iniciar a sua última obra *Enquête sur les modes d'existence*, traz uma interessante anedota envolvendo quinze industriais franceses responsáveis pelo desenvolvimento sustentável em diversas sociedades. Ao redor de uma mesa circular, no outono de 2010, o grupo estava diante de um especialista em questões climáticas do Collège de France. Era um momento de grande disputa acerca da origem humana ou

---

<sup>53</sup> No sentido de C. GEERTZ, como trata em *A interpretação das culturas*.

não humana das mudanças climáticas. Assim, um dos industriais faz os seguintes questionamentos ao professor:

Por que deveria crer nele mais do que nos outros? Por que este homem coloca em pé de igualdade, como se se tratasse de uma simples batalha de opiniões, a dos especialistas do clima e aqueles que têm sido chamados de climatoescépticos, pervertendo um pouco o belo vocábulo ‘escéptico’? Disporá, casualmente, de um instrumento de medição superior ao de um especialista? [...] Além disso, como falar de “crença” tratando-se das ciências do clima?<sup>54</sup>

Latour, após revelar-se surpreendido com a pergunta, mostrou-se ainda mais surpreso com a resposta do especialista, que após um “longo suspiro”, disse: “*Se não se tem confiança na instituição científica, isto seria muito grave*”<sup>55</sup>. Na sequência, o especialista passa a listar as inúmeras investigações que tratam de analisar o clima, mostrando todo o complexo sistema de verificação de dados e etc. O que o autor nos chama a atenção é para o fato de que o especialista, no momento em que se vê questionado, recorre à noção de instituição “*como o melhor instrumento para medir o peso respectivo das posições. Não vê nenhum tribunal de apelações mais elevado*”<sup>56</sup>. Na narrativa latouriana, a perda de confiança, considerada grave, se volta para a instituição científica, da Ciência, com C maiúsculo, como ele afirma mais adiante. O restante de sua obra nos permite ampliar a questão da suposta confiança não somente na instituição científica como também nas demais instituições e assim podemos pensar na política, mais precisamente nas instituições democráticas que compõem o Estado brasileiro. Os últimos acontecimentos que vivemos em nosso país, os que antecederam e especialmente os que sucederam o impedimento da presidenta eleita Dilma Roussef em março do corrente ano, gerou uma incredibilidade imensa das instituições.

Se antes desse processo agudo de instabilidade política já havia um engajamento político por parte daqueles que estão à frente da ONG Nova Consciência, em virtude dos avanços notórios e velozes dos segmentos evangélicos no âmbito da política nacional e local, após o afastamento da presidenta eleita, tal engajamento revelou-se ainda mais constante, na medida em que num regime de exceção as condições de plausibilidade da pluralidade parecem cada vez mais ameaçadas, o que explica as perspectivas de luta dos organizadores do evento para que a perspectiva plural se mantenha.

Levando em conta as considerações latourianas, não há garantias de que a guinada para a dimensão política será mais “confiável”, ou menos arriscada que o foco na

---

<sup>54</sup> B, LATOUR, *Enquête sur les modes d'existence*, p. 14, Tradução livre dos autores.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>56</sup> *Ibid.*.

dimensão da multiplicidade religiosa. “*Invocar os fantasmas do político*”, como trata provocativamente Latour, trará evidentemente outras implicações (ou implicâncias), daí a necessidade de se pensar na distinção feita pelo autor entre “*falar de política*” e “*falar politicamente*”. Se o primeiro modo parece mais claro, pois implica falar sobre os políticos, as eleições, os negócios, as injustiças, o Estado, etc., o segundo parece ser de outra dimensão, pois caminha para temas como a sociedade, a cultura, etc.<sup>57</sup> A resposta de cada um de nossos entrevistados acerca do significado do Encontro da Nova Consciência para suas vidas envolve sentimentos de afinidade, de projeto de vida e apostas para o futuro. Para Waldemar Falcão, “*o Encontro é uma grande celebração: da amizade, da pluralidade, da espiritualidade e da criatividade*”. Para Luis Pelegrini,

o Encontro é antes de tudo uma fonte infalível de renovação de energias afetivas, psíquicas e intelectuais. A única oportunidade que tenho (à parte o terreiro de Umbanda em São Paulo que frequento com assiduidade) de me encontrar com pessoas que pensam como eu, sentem como eu, agem como eu. Não somos iguais, em absoluto. Mas somos análogos, parecidos, e por esta razão o tempo anual do Encontro é tão gratificante. O Encontro é, na atualidade, um grande happening de atividades curiosas ligadas às artes adivinhatórias, à questões místicas, religiosas, de tendências e de questões sociais<sup>58</sup>.

Para o jornalista, além da dimensão de refúgio, de identidade, há o desejo e a aposta de que o Encontro “*permaneça por muitos e muitos anos conservando aquilo que já é, e que ao mesmo tempo realize cada vez mais a sua verdadeira e última vocação*”, que é, na sua compreensão, “*muito mais a de se tornar um grande fórum de debates dos temas fundamentais que determinarão os rumos e as características do nosso futuro*”. A dimensão política pode estar contemplada dentre esses “temas fundamentais”. Para a principal idealizadora do evento, o Encontro tem um significado tão especial que confunde-se com sua própria existência:

Dizer o que significa para mim talvez seja a pergunta mais difícil, por tudo o que mudou em minha vida. Para não me alongar muito, posso dizer que, aos poucos, fui largando responsabilidades maiores com outros eventos e me dedicando mais ao Encontro. Depois que os governos foram mudando, tive que fazer uma escolha: minha ascensão funcional ou lutar pela manutenção do Encontro e não tive dúvidas, continuo mais pobre e sem nenhum futuro materialmente falando, mas satisfeita com o que faço. Conheci pessoas incríveis, aprendi muito sobre resiliência e combate, a hora de um e de outro.

<sup>57</sup> B. LATOUR, *Enquête sur les modes d’existence*, pp. 339-340.

<sup>58</sup> Luis PELLEGRINI, entrevista concedida aos autores em 20 de junho de 2016.

Me tornei bem cética também, de tanto conhecer pessoas que *viajam no esoterismo*. Mas não acho que seria mais feliz sem a Nova Consciência. O que queria mesmo é torná-lo itinerante, cada ano em outra cidade, outro país...<sup>59</sup>.

A fala de Iris é, para o que desejamos demonstrar ao longo de nosso artigo, uma das mais ilustrativas: nela aparecem todos elementos elencados acima: sentimentos de afinidade, projetos de vida e apostas, aqui mais ambições, para o futuro. Demonstra os limites do esoterismo, e muito próximo do que já havia falado Fábio, o outro integrante da ONG, aprendeu com o ENC a hora da “resiliência” e do “combate”, “a hora de um e de outro”. Aqueles que “viajam no esoterismo” lhe ensinaram talvez a necessidade dessa guinada para a política, para a importância de se falar “politicamente”, mostrando assim que a aposta política pode ser justamente um fruto “amadurecido” de um certo excesso ou desgaste das outras dimensões do universo new age. Resta-nos dar continuidade a nossa etnografia para vermos o desenrolar dessa aposta, vermos se a guinada ou o retorno a dimensão política do universo New Age fará do ENC um evento “*itinerante, cada ano em outra cidade, outro país*”<sup>60</sup>.

## Referências bibliográficas

AMARAL, Leila. *Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na nova era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOFF, Leonardo. Dom Luís Gonzaga. O bispo que falava coisas. A Gazeta, 19 de agosto de 2012. [http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2012/08/noticias/a\\_gazeta/opiniaio/1351702-dom-luis-gonzaga-o-bispo-que-falavacoisas.html](http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2012/08/noticias/a_gazeta/opiniaio/1351702-dom-luis-gonzaga-o-bispo-que-falavacoisas.html)

CHAMPION, Françoise. Les sociologues de la post-modernité et La nébuleuse mystique ésotérique. *Archives des sciences sociales de religions*, Paris, v.1, n.67, pp.155-169, 1989.

---

<sup>59</sup> Iris MEDEIROS, entrevista concedida aos autores em 18 e 19 de junho de 2016, grifos nossos.

<sup>60</sup> Iris MEDEIROS, entrevista concedida aos autores em 18 e 19 de junho de 2016.

CONSCIENCIA CRISTÁ. Quem somos? Disponível em: <http://conscienciacrista.org.br/vinacc/>. Acesso em 20 de maio de 2016.

D'ANDREA, Anthony Albert F. *O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Loyola, 2000.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Secularización y modernidade religiosa. *Selecciones de Teología*, Barcelona, Facultad de Teología de Catalunya, v.26, n.103, pp.217-227, 1987.

\_\_\_\_\_. Productions religieuses de la modernité: les phénomènes du croire dans les sociétés modernes. In: CAULIER, B. (org). *Religion, sécularisation, modernité*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1996, pp.37-58.

\_\_\_\_\_. A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa. *Estudos de religião*, n.18, pp.39-54, ano XIV, jun.2000.

HINE, Christine. *Etnografia virtual*. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad Barcelona: Editorial UOC, 2004.

I ENCONTRO DA NOVA CONSCIÊNCIA! PARTE 2. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oXxlBiL9iEo2013>>, publicado em 14 de fevereiro de 2013, por Wellington Santos. Acesso em 18 de junho de 2016.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KOZINETS, Robert. *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*. London: Sage, 2010.

LAIN, Vanderlei. *Nova Consciência: a autonomia religiosa pós-moderna*. Recife: Libertas Editora, 2008.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de uma antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. *Enquête sur les modes d'existence: une anthropologie des Modernes*. Paris: Éditions La Découverte, 2012.

MAGNANI, José Guilherme. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MARTELLI, Stephano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MATOS, Silvana Sobreira de. O Encontro para a Consciência Cristã: o que pensam sés adeptos sobre o Movimento Nova Era. *Monografia*. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, 2005.

\_\_\_\_\_. Tolerância e Intolerância entre carismáticos e evangélicos em Campina Grande – PB. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal de Pernambuco, CFHC, Antropologia, 2008.

ONG NOVA CONSCIENCIA. *25º Encontro da Nova Consciência: o pensamento da cultura emergente. Civilização ou barbárie: suas ações vão definir o futuro do planeta*. Folder da programação. Campina Grande: 05 a 09 de fevereiro de 2016.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Delumará, 1995.

\_\_\_\_\_. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n.42, p.377-391, jul/dez, 2014.

PIERUCCI, Antonio Flávio. É fácil ser católico. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009, pp.17-30.

RIBEIRO, Molina. Os olhos de Iris Medeiros. In: *Jornal A União*, Campina Grande, p.06, 25 de fev.2015.

SCHWADE, Elisete. Carnaval da Nova Consciência. In: *Religião & Sociedade*, 31, 1 (2011).

SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. *Scientia e Studia*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008.

SILVEIRA, Emerson Sena da; AVELLAR, Valter (orgs). *Espiritualidade e Sagrado no mundo cibernético*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VELHO, Otávio. "O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais?" In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, pp.233-250.

ZICMAN, Renée; MOREIRA, Alberto. *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

### Fontes orais

FALCÃO, Waldemar. Entrevista concedida aos autores em 23 de abril de 2016.

MEDEIROS, Iris. Entrevista concedida aos autores em 18 e 19 de junho de 2016.

NUNES, Vinícius Lima. Entrevistas concedidas aos autores em 16 e 17 de abril de 2016.

PELLEGRINI, Luis. Entrevista concedida aos autores em 20 de junho de 2016.

SILVA, Fabio Ronaldo da. Entrevistas concedidas aos autores em 04 e 05 de maio de 2016.

Recebido: 05/10/2016

Aprovado: 12/11/2016